

O Brasil no Imaginário Coletivo

Brazil in the Collective Imaginary

Brasil en el imaginario colectivo

Larissa Caldeira de FRAGA¹

Resumo

Há mais de 500 anos o país é retratado pelo olhar do outro. As características brasileiras são evidenciadas na literatura e nos estudos de inúmeros pensadores. Este trabalho se propõe a identificar, através de um estudo bibliográfico, os imaginários sobre o Brasil traçados pelos autores Buarque (2013), DaMatta (1986), Durand (1996), Pitta (2015), Silva (1996), Souza (2019) e Zweig (1960). Também foram realizadas entrevistas não estruturadas com os pesquisadores das teorias do imaginário Tacussel (2015) e Joron (2015). O imaginário coletivo sobre o país começou a ser dinamizado com a carta de Pero Vaz de Caminha, retratando o seu “descobrimento” e apresentou diferentes narrativas ao longo da história, do mito do futuro ao mito da mudança. Hoje as características do nosso espírito são reforçadas principalmente na mídia.

Palavras-chave: Imaginário; Imaginário coletivo; Comunicação; Brasil.

Abstract

For over 500 years, the country has been portrayed through the eyes of the other. The Brazilian characteristics are evidenced in the literature and in the studies of countless thinkers. This work aims to identify, through a bibliographic study, the imaginaries about Brazil traced by authors Buarque (2013), DaMatta (1986), Durand (1996), Pitta (2015), Silva (1996), Souza (2019) and Zweig (1960). Unstructured interviews were also carried out with researchers of the theories of the imaginary Tacussel (2015) and Joron (2015). The collective imagination about the country began to be stimulated with the letter by Pero Vaz de Caminha, portraying its “discovery” and presenting different

¹ Doutora em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Mestre em Comunicação Social também pela PUCRS. E-mail: larissacfraga@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0984-3990>.



narratives throughout history, from the myth of the future to the myth of change. Today the characteristics of our spirit are reinforced mainly in the media.

Keywords: Imaginary; Collective Imaginary; Communication; Brazil.

Resumen

Durante más de 500 años, el país ha sido retratado a través de los ojos del otro. Las características brasileñas se evidencian en la literatura y en los estudios de innumerables pensadores. Este trabajo tiene como objetivo identificar, a través de un estudio bibliográfico, los imaginarios sobre Brasil trazados por los autores Buarque (2013), DaMatta (1986), Durand (1996), Pitta (2015), Silva (1996), Souza (2019) y Zweig (1960). También se realizaron entrevistas no estructuradas a investigadores de las teorías del imaginario Tacussel (2015) y Joron (2015). El imaginario colectivo sobre el país comenzó a estimularse con la carta de Pero Vaz de Caminha, retratando su “descubrimiento” y presentando diferentes narrativas a lo largo de la historia, desde el mito del futuro hasta el mito del cambio. Hoy las características de nuestro espíritu se refuerzan principalmente en los medios de comunicación.

Palabras clave: Imaginario; Imaginación colectiva; Comunicación; Brasil.

Introdução

Brasil, terra de samba, futebol, praias e beleza feminina. Além dos estereótipos reforçados na literatura e na mídia, há um conjunto de características do país que é dinamizado ao longo dos séculos e que se perpetua. Traços destacados no “descobrimento”, são valorizados até hoje. Ao longo dos anos, se constituíram diversas narrativas sobre o país, que representam alguns imaginários.

O imaginário destacado aqui se refere ao olhar do outro, como o país é visto através do ponto de vista do estrangeiro. Desde a carta de Pero Vaz de Caminha contando sobre os encantos do Brasil, o nosso modo de vida é propagado pelo mundo. Muitas vezes, somos referência em violência, criminalidade, corrupção e belezas das praias e mulheres. Essas são algumas das afirmações feitas pelos autores analisados neste trabalho e que assim, constituem parte do imaginário nacional.

A mídia dinamiza o imaginário coletivo sobre o Brasil. Nos comerciais, as praias brasileiras são retratadas pelo cenário paradisíaco e belas mulheres, utilizados para impulsionar a venda de produtos. No cinema, a violência choca. A música e o carnaval revelam os nossos aspectos culturais. O futebol também é inerente ao imaginário do país.



Este trabalho busca evidenciar os imaginários sobre o Brasil em obras que retrataram o país em diferentes períodos como Buarque (2013), DaMatta (1986), Durand (1996), Pitta (2015), Silva (1996), Souza (2019) e Zweig (1960). Também serão apresentadas reflexões discutidas em entrevistas não estruturadas com os pesquisadores Tacussel (2015) e Joron (2015), que são membros do Instituto de Pesquisas Antropológicas e Sociológicas – Centro de Pesquisa sobre Imaginário (Recherches Anthropologiques et Sociologiques – Centre de Recherches sur l’Imaginaire – IRSA-CRI) e possuem estudos relacionados ao país.

Imaginário Coletivo

Para Legros *et al.* (2014), a vida dos homens é submetida a imaginários, sejam eles representados nas artes (cinema, fotografias) e nas construções mentais e coletivas individuais. “O imaginário, assim, diz respeito a uma civilização: circula através da história, das culturas, dos grupos sociais (...) O imaginário alimenta e faz o homem agir. É um fenômeno coletivo, social, histórico” (LEGROS *et al.*, 2014, p.10)

Michel Maffesoli (2001) defende que o imaginário é um estado de espírito de um grupo, de um país, de um Estado Nação e de uma comunidade. Silva (2012) acredita que não é um mero álbum de fotografias mentais, muito menos um museu da memória coletiva e social. É “uma rede etérea ou movediça de valores e sensações partilhadas concreta ou virtualmente” (SILVA, 2012, p.9).

O imaginário não pode ser confundido com cultura. Silva (2012) destaca que o que separa uma cultura da outra é o imaginário. É a representação que cada cultura faz de si mesma. Imaginário e cultura coabitam e coexistem, mas não se equivalem. “A cultura é um dado objetivo; o imaginário, a subjetividade compacta e inexorável. A objetividade da cultura diluiu-se nas águas pesadas da atmosfera imaginal.” (SILVA, 2012, p.16). Maffesoli (2001) explica que a cultura é mais ampla, ela não se reduz ao imaginário. “A cultura é um conjunto de elementos e fenômenos passíveis de descrição. O imaginário tem, além disso, algo de imponderável. É o estado de espírito que caracteriza um povo” (MAFFESOLI, 2001, p.75). A cultura pode ser identificada através do teatro, literatura, música, fatos do cotidiano, costumes, maneira de vestir. Já o imaginário, segundo o autor, está em uma dimensão ambiental, uma atmosfera. É uma força de ordem espiritual. Uma construção mental.



Insisto que há proximidade entre cultura e imaginário. Neste sentido, pode-se dizer que o imaginário é a cultura de um grupo. Contudo, se voltarmos ao que foi dito, veremos que o imaginário é, ao mesmo tempo, mais do que essa cultura: é a aura que ultrapassa e alimenta. (MAFFESOLI, 2001, p. 76)

Para Maffesoli, só existe imaginário coletivo. “O imaginário estabelece vínculo. É cimento social. Logo, se o imaginário liga, une numa atmosfera, não pode ser individual” (MAFFESOLI, 2001, p.76). Na pós-modernidade, reflete o tribalismo. É um patrimônio de um grupo, que transfigura um conjunto de sensações e estilos de vida.

A mídia é uma dinamizadora de imaginários. Em reportagens, comerciais, filmes e revistas observamos o país sendo retratado através de diferentes olhares que se baseiam em experiências e visões de mundo distintas.

Para Silva (2012), os imaginários são difundidos por meio de tecnologias próprias, as tecnologias do imaginário. A televisão, o rádio, o jornal, a internet, o cinema e a publicidade fazem parte dessas tecnologias. Além disso, o livro, a literatura, o teatro, o marketing e as Relações Públicas também integram essas práticas. Essas técnicas dinamizam uma rede de valores e sensações compartilhadas. Promovem laço social, em que valores são vivenciados em sociedade, imagens são reverenciadas em conjunto, sentimentos e afetos são intensificados em comunhão.

As tecnologias do imaginário são dispositivos (Foucault) de intervenção, formatação, interferência e construção das “bacias semânticas” que determinarão a complexidade (Morin) dos “trajetos antropológicos” de indivíduos ou grupos. Assim, as tecnologias do imaginário estabelecem “laço social” (Maffesoli) e impõem-se como o principal mecanismo de produção simbólica da “sociedade do espetáculo” (Debord). (SILVA, 2012, p. 21)

O autor defende que o imaginário é uma usina de mitos e as tecnologias produzidas são fábricas de mitologias. Para Silva (2012), o imaginário é a presença do indivíduo no inconsciente coletivo. As tecnologias do imaginário produzem aura pela reprodução ao infinito do objeto. O simbolismo do original cresce com a sua multiplicação. Por isso, o cinema e a televisão levaram a produção simbólica ao seu ponto alto. Portanto, as narrativas presentes na mídia promovem a dinamização de imaginários e mitos, inclusive sobre a realidade brasileira.



O Brasil no Imaginário Coletivo

Para identificar os imaginários dinamizados sobre o Brasil ao longo do tempo serão apresentados estudos de autores dedicados às pesquisas sobre o país como Buarque (2013), DaMatta (1986), Durand (1996), Pitta (2015), Silva (1996), Souza (2019) e Zweig (1960). Também serão apresentadas reflexões discutidas em entrevistas não estruturadas com os pesquisadores Tacussel (2015) e Joron (2015), que são membros do Instituto de Pesquisas Antropológicas e Sociológicas – Centro de Pesquisa sobre Imaginário (Recherches Anthropologiques et Sociologiques – Centre de Recherches sur l’Imaginaire – IRSA-CRI) e possuem estudos relacionados ao país.

Em 22 de abril de 1500, o imaginário coletivo sobre o Brasil começou a ser traçado. A “descoberta” dos portugueses inicia juntamente com o desenvolvimento do seu imaginário. O olhar do outro, no caso dos seus desbravadores, mostra as primeiras impressões, sensações e peculiaridades do país e o início da formação da ideia sobre a nova nação. A carta de Pero Vaz de Caminha propaga um imaginário difundido pela perspectiva do estrangeiro. Assim começa a dinamização da imagem brasileira perante a alteridade.

Esta terra, Senhor, me parece que da ponta que mais contra o sul vimos até à outra ponta que contra o norte vem, de que nós deste porto houvermos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas por costa. Tem, ao longo do mar, nalgumas partes, grandes barreiras, delas vermelhas, delas brancas; e a terra por cima toda chã e muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta, é toda praia parma, muito chã e muito formosa. Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque, a estender olhos, não podíamos ver senão terra com arvoredos, que nos parecia muito longa. Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos. Porém a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados como os de Entre Douro e Minho, porque neste tempo de agora os achávamos como os de lá. Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem. Porém o melhor fruto, que nela se pode fazer, me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar. (CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA, maio de 1500)

Belezas naturais, o modo de vida indígena, falta de atividade pecuária, inexistência de credo religioso e a ingenuidade dos nativos chamaram a atenção dos portugueses. Aconteceu um choque cultural e de imaginários. Os lusitanos decidiram colonizar o país e implantar o modo de vida europeu, com seus hábitos e crenças.



Assim, nasce o imaginário brasileiro, marcado pelo olhar do outro e sua influência na vida dos nossos primeiros povos.

Esse imaginário da descoberta é marcado pela exaltação das belezas da terra, da imensidão do território e das águas, e das riquezas minerais. Passados mais de quinhentos anos, desde a constatação dessas características, os aspectos deste imaginário ainda são vistos em muitos discursos ligados ao Brasil.

Philippe Joron (2015), professor da Universidade Paul-Valéry - Montpellier 3, acredita que a cultura de um país é maior que o seu imaginário. Esse imaginário pode ser diferenciado. Depende de quem observa. O sociólogo francês, entre 1993 e 1997, foi professor visitante nas Universidades Federais de Pernambuco (UFPE) e de Alagoas (UFAL).

O imaginário que a gente tem da cultura brasileira, faz parte da realidade da cultura brasileira. A cultura é muito mais ampla, muito mais rica do que a imagem que a gente pode ter desta cultura. Ao mesmo tempo, como eu tinha dito antes, o imaginário permite muitas interpretações possíveis. De qualquer forma, quando a gente fala de imagem, o símbolo é a forma de imagem, o símbolo ele é a emanção de um mistério, a epifania de um mistério, é o que fala Durand. Então, as interpretações, as maneiras de imaginar o real são infinitas e são diversas, e muito diversas. Então, por um lado, a cultura para vocês é muito maior que a imagem, representação de um francês qualquer, pelo menos de alguém que não é brasileiro pode ter. Por outro lado, ela vai imaginar coisas que você nunca imaginou, então paradoxo. (JORON, 2015)

Durand (1996) aborda o imaginário brasileiro a partir de características históricas, culturais, geográficas e econômicas. O antropólogo comparou o imaginário brasileiro ao do seu colonizador lusitano. O imaginário português é influenciado pelas “virtudes viris” impostas pelas descobertas e navegações. Já o imaginário brasileiro estaria ligado à terra, à feminilidade, influenciada pela fecundidade agrícola, fluvial e florestal. Essa pulsão feminina, marcada pela alma e pela força da mulher brasileira, faz parte do inconsciente do país.

Segundo Durand (1996), as profundezas da alma brasileira são a mística da enorme natureza feminizada. Para o autor, o imaginário brasileiro apresenta um paradoxo ao patriotismo lusitano. Portugal demonstra “mitolusismos” que confortam a alma portuguesa dos perigos do oceano. Já o Brasil se destaca devido à miscigenação, a convivência entre raças distintas, que se unem quando visam algum objetivo em comum.



E o imenso império tão diverso devido às suas raças, às suas misturas, aos seus desnivelamentos culturais, às suas desigualdades econômicas e sociais, mas onde índios do norte, escravos negros do nordeste, paulistas de origem portuguesa, alemã e italiana ficam extraordinariamente unidos quando a matéria se encontra ameaçada. (DURAND, 1996, p. 203)

Também é percebido nas palavras de Durand o imaginário do descobrimento, refletido na natureza e na alma feminina. O sincretismo também é reverenciado pelo autor. Múltiplas crenças, religiões, país de todos os santos. Os imaginários de Brasil e Portugal, apesar de inversos, estão ligados à língua portuguesa. Há uma complementaridade cultural, que permite a convivência da velha civilização da Europa com o novo mundo. Este é exemplo de diversidade e multiculturalismo.

A antropóloga Danielle Perin Rocha Pitta, uma das pioneiras do estudo do imaginário no Brasil, orientanda de Durand, também retrata o imaginário brasileiro. A complexidade marca o nosso país. Há uma diversidade na formação étnica que “não só diz respeito às diversas culturas em presença, mas à maneira original como cada Estado do Brasil construiu seu sincretismo próprio; diversidade de trajetórias históricas de um Estado para outro; diversidade da organização econômica de cada um” (PITTA, 2015, p. 30). Há também um dinamismo no nosso modo de ser e se relacionar.

Dinâmica: uma organização política em que os personagens transitam de um partido para outro, em que os próprios partidos frequentemente mudam de alianças, em que os ministérios são renovados o tempo todo; uma organização econômica na qual, durante décadas uma inflação galopante impedia qualquer projeto individual a longo prazo; na qual nunca se sabe quais serão exatamente os direitos do cidadão (aposentadoria, dedução de impostos, etc.) amanhã; em que o nome e o valor da moeda está em constante mudança, etc. (PITTA, 2015, p. 30)

Patrick Tacussel, um dos autores do livro “Sociologia do Imaginário”, enfatiza que o Brasil também é visto pelos seus contrastes. Os franceses tendem a ver o país em diversas percepções. Entre elas, estão os franceses que não conhecem o Brasil pessoalmente, apenas pela televisão. E têm os que conferiram a realidade de perto. Há algum tempo o país foi associado a uma sociedade festiva, em que a festa tem um lugar central. E isso tem a ver com as transmissões do carnaval do Rio de Janeiro. Também é associado ao futebol e à música. “Podemos dizer que esses são os três pilares, festa, futebol e música, entre os europeus e os franceses, na representação do Brasil no imaginário europeu e em particular no francês”. (TACUSSEL, 2015)



O sociólogo também ressalta a violência como parte desse imaginário. Principalmente para quem nunca veio ao Brasil, o país é considerado extremamente violento, porque constantemente são vistas imagens de confrontos nas favelas. Por outro lado, se sabe que a violência não é a mesma em todos os lugares do Brasil. Há uma diferença entre o nordeste e o Sul. Apesar deste aspecto negativo, a música brasileira é vista com bons olhos. Cantores franceses regravam clássicos brasileiros, como Garota de Ipanema.

Há também uma outra imagem ligada ao país, a de cartão postal. É associada à beleza das praias e das mulheres. Para vender produtos de praia, eles não usam imagens do litoral europeu, mas sim a praia de Ipanema. “Isso é muito interessante do ponto de vista do imaginário, pois quando as marcas francesas querem vender um produto, muito frequentemente filmam não as praias da Espanha, Itália; mas quase sempre as do Brasil ou de países como a República Dominicana” (TACUSSEL, 2015).

O autor ainda ressalta que o Brasil transita entre o paraíso e o inferno, quando se refere ao seu imaginário. O paraíso é a música. Há também um padrão de beleza feminino que é explorado pela publicidade. As revistas femininas mostram como ter o corpo de uma brasileira. Na moda também tem influência. As sandálias havaianas são vendidas como se fossem brasileiras, mas na verdade são feitas na França. O futebol também era considerado na Europa como algo imbatível, mas isso mudou. “Quando a França ganhou do Brasil, na Copa do Mundo, é que a coisa mudou um pouco. Houve também a noção de que os franceses também poderiam ganhar” (TACUSSEL, 2015).

A questão do corpo e da beleza das brasileiras é considerado algo marcante para Tacussel.

Há uma imagem do Brasil associada à música, ao corpo, à diversão do corpo, principalmente para as mulheres, mas igualmente para os homens, porque na publicidade vemos os homens que estão na praia. Uma ideia que é vinculada pela bossa nova, por Gilberto Gil, por Chico Buarque, é a sensualidade. Há um aspecto de sensualidade que nós não podemos dizer de uma jovem da Alemanha. E então, não usam as alemãs, como a Cláudia Schiffer, por exemplo, pra vender a beleza, mas pra vender carros. (TACUSSEL, 2015)

São percebidos, nas palavras do sociólogo, aspectos do imaginário do descobrimento, quando ele se refere às belezas do país e das mulheres. Além disso, fica evidente a presença do imaginário da festa, que compreende a música, o samba e o carnaval. O imaginário do medo se reflete na referência à violência.



Joron (2015) destaca que o imaginário sobre o Brasil mudou na França, principalmente com a divulgação de documentários sobre o país, que permite uma maior análise. Esses filmes não mostram só a violência nas favelas, por exemplo, mas também as formas de sociabilidade nas comunidades. “Apesar disso, é claro que vincula formas de estereótipos, os cartões postais. Então, é a violência, e é bonita, a praia e o bumbum, os coqueiros, carnaval também”. (JORON, 2015).

Roberto DaMatta retrata o jeitinho brasileiro e a figura do malandro. O antropólogo enfatiza que o dilema brasileiro reside entre as leis universais cujo sujeito é o indivíduo e situações em que cada um se despacha como pode, usando seu sistema de relações pessoais.

Haveria assim, nessa colocação, um verdadeiro combate entre leis que devem valer para todos e relações que evidentemente só podem funcionar para quem as tem. O resultado é um sistema social dividido e até mesmo equilibrado entre duas unidades sociais básicas: o indivíduo (o sujeito das leis universais que modernizam a sociedade) e a pessoas (o sujeito das relações sociais, que conduz ao pólo tradicional do sistema). Entre os dois, o coração dos brasileiros balança. E no meio dos dois, a malandragem, o “jeitinho” e o famoso e antipático “sabe com quem está falando?” seriam modos de enfrentar essas contradições e paradoxos de modo tipicamente brasileiro (DAMATTA, 1986, p. 96)

DaMatta destaca que o brasileiro age diante da lei diferentemente dos norte-americanos e europeus. Eles obedecem às regras ou elas não existem. Nesses locais, a lei não é feita para explorar ou submeter o cidadão. É um instrumento que faz a sociedade funcionar bem. No Brasil “a lei sempre significa o ‘não pode!’ formal, capaz de tirar todos os prazeres e desmanchar todos os projetos e iniciativas” (DAMATTA, 1986, p. 98). O autor acredita que a palavra “não” submete o cidadão ao Estado, usado de forma geral e constante. Por isso, foi aperfeiçoado um modo, um jeito, que passa sempre nas entrelinhas do autoritário “não pode”.

O antropólogo revela que o “jeitinho” é sustentado em três atos. No primeiro, a pessoa é ignorada, em razão da sua aparência ou modo de apresentação. Chega a um local para ser atendida por um servidor público, que não sabe quem é essa pessoa. “Essa distinção entre a humildade de quem chega e a superioridade de quem está protegido atrás do balcão da instituição é, aliás, um elemento forte na hierarquização das posições sociais”. (DAMATTA, 1986, p. 99). No segundo ato, o funcionário demora a atender à solicitação e complica a situação. Assim, cria-se um impasse. No último ato, há uma solução que ajuda a ver a forma de navegação social.



A malandragem faz o mesmo. “O malandro seria um profissional do jeitinho e da arte de sobreviver nas situações mais difíceis” (DAMATTA, 1986, p. 102). Há um relacionamento entre o talento pessoal e as leis que o engendram. Nele, há o uso de “histórias” e “contos do vigário”, artificios usados para tomar partido em situações.

O malandro brasileiro foi retratado pela Disney, companhia de mídia norte-americana. Zé carioca é um personagem de desenho criado para o filme “Alô, amigos”, em 1942. Na história, Zé apresenta para o Pato Donald a cachaça e o samba. O papagaio sempre escapa dos problemas com um jeitinho característico. É mostrado como simpático, festeiro e vagabundo.

O escritor Stefan Zweig descreveu com entusiasmo a cultura brasileira. O austríaco se encantou com o país em sua primeira visita. Retornou ao país e viveu aqui até a sua morte.

Minhas expectativas não eram lá muito grandes. Eu tinha sobre o Brasil a ideia pretensiosa que sobre ele tem o europeu e o norte-americano, e agora tenho dificuldade de recordá-la. Imaginava que o Brasil fosse uma república qualquer das da América do Sul, que não distinguimos, bem uma das outras, com clima quente, insalubre, com condições políticas de intranquilidade e finanças arruinadas, mal administrada e só parcialmente civilizada nas cidades marítimas, mas com bela paisagem e com muitas possibilidades não aproveitadas - país do qual se pudesse esperar estímulo para o espírito. (ZWEIG, 1960, p. 3)

Mas conforme conhecia o país, a ideia sobre ele mudava. Zweig (1960) enxergava o país com muito otimismo, tanto que falava que o Brasil “está destinado a ser um dos mais importantes fatores de desenvolvimento futuro do mundo” (ZWEIG, 1960, p. 4). O tamanho do território brasileiro o espantava, era maior do que os Estados Unidos. Ao chegar no Rio de Janeiro, ficou fascinado com uma das mais lindas paisagens do mundo. A mistura de mar e montanha, cidade e natureza deixou o austríaco impressionado.

Além do Rio, Zweig (1960) conheceu São Paulo, Minas Gerais, Bahia e Recife. Ele deixa claro que essa é apenas uma parte do país, que deveria ser considerado continente. Para o autor, o país era o futuro próspero. Sensibilizado com o nazismo na Europa, Zweig (1960) também admirava a relação e convivência pacífica entre muitas raças. “Com maior admiração verifica-se que todas essas raças, que já pela cor evidentemente se distinguem umas das outras, vivem em perfeito acordo entre si e, apesar de sua origem diferente, porfiam apenas no empenho de anular as diversidades de outrora” (ZWEIG, 1960, p.8). A raça, para o autor, seria um meio de união nacional.



O autor destaca que as nações com maior produtividade, consumo e renda são valorizadas. Mas para Zweig (1960) o que mais vale é o espírito pacífico e humanitário de um povo. Por isso, é o país do futuro, onde não há guerra, onde o espírito de conciliação fala mais alto. Essa era a esperança para um mundo “devastado pelo ódio e pela loucura” (ZWEIG, 1960, p. 12).

Em sua tese, Silva (1996) escreve sobre o futuro e o presente na cultura brasileira. O jornalista relata a passagem do futurismo ao presenteísmo. Há um avanço na construção do presente pelos brasileiros.

“O Brasil é o país do futuro” é uma noção vulgar, espécie de intuição popular enraizada no imaginário social ou no conjunto de crenças e imagens do Brasil sobre si mesmo. Tomar essa bela utopia como síntese da representação da identidade brasileira pode ser mais produtivo que amordaçá-la com as amarras do discurso científico e acadêmico. Em resumo: existiu no Brasil até cerca de 1985 um mito, um sonho, uma fantasia e mesmo uma certeza: o futuro faria do Brasil a locomotiva do mundo. (SILVA, 1996, p.14)

O Brasil era representado como o país do futuro, apesar da pobreza, das crises econômicas e da ditadura militar. Segundo Silva (1996), com a implantação da democracia, na década de 1980, houve uma mudança na dinâmica social. Acabou o sonho, passamos ao presenteísmo. Isto está ligado à passagem da modernidade à pós-modernidade. A modernidade é caracterizada como a era da utopia, apoiada no mito de Prometeu, da conquista da natureza e do saber absoluto através de narrativas legitimadoras, como o marxismo. Com o título de “país do futuro”, o Brasil absorveu esse espírito utópico. Por outro lado, a pós-modernidade é presenteísta.

Silva (1996) critica intelectuais que se apoiam na teoria da falta: falta educação, solidariedade, honestidade, vontade de trabalhar. Assim, podia-se chegar ao mito da inferioridade racial. Ao falar de Zweig, Silva (1996) acredita que o austríaco fez do futuro a representação elementar do país.

As elites não se cansaram de reproduzir o gentil elogio do célebre escritor. Paradoxalmente, o progresso, garantia de que o futuro pertenceria ao Brasil, tomava impulso junto com práticas que, conforme os prognósticos, deveriam desaparecer com o desenvolvimento do capitalismo, entre elas o carnaval, a festa popular, a instância da empatia, do transbordamento, da alegria, da relação, do estar junto e do irracional. (SILVA, 1996, p. 102)



Para o autor, o carnaval e o futebol serviram para consolidar a representação de país do futuro. Sob o ponto de vista da pós-modernidade, é revelado que os brasileiros anseiam por mudanças, apoiam a diversidade, “orgulham-se do barroquismo, rejeitam fórmulas autoritárias, desconfiam dos políticos tradicionais, sonham com os dias mais confortáveis, mas enterram o mito do futuro ideal e têm os pés firmes no chão do presente” (SILVA, 1996, p. 267).

Buarque (2013) também discute a ideia do “país do futuro” de Zweig. No livro “Um país do presente”, aborda a imagem brasileira internacionalmente. Ele tenta entender como os norte-americanos veem o Brasil. O jornalista acredita que o país chegou ao presente e tornou-se exemplo internacional. Em 2011, o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, disse que o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva era “o cara”.

Buarque (2013) retrata a realidade brasileira em um período de destaque. A economia cresceu juntamente com o interesse dos veículos internacionais pelo país. O que mais impressionava a mídia do exterior era como o Brasil não sofreu influência durante a crise financeira que afetou o mundo em 2008. As conquistas destacadas pela mídia eram a estabilidade e o crescimento econômico que levaram à conquista da sede da Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016. Esses fatores levavam a crer que o Brasil poderia se tornar uma potência internacional.

O fato é que o Brasil é lembrado, é conhecido, e reconhecido cada vez mais nos Estados Unidos. Perguntei a cada um dos mais de cem entrevistados, e ouvi de pelo menos 95% deles que, sim, o Brasil está ganhando mais atenção dos americanos, e sabe-se cada vez mais sobre o país. O conhecimento é real, mesmo considerando os próprios americanos, especialmente a elite intelectual, costumam criticar a falta de interesse dos seus compatriotas em relação a qualquer país que seja seu. (BUARQUE, 2013, p. 26)

O autor acredita que para uma grande parte alienada do planeta, que não acompanha os noticiários, o Brasil é um desconhecido. “Um país distante, latino, que aparece vez por outra na mídia e de onde saíram alguns personagens populares na vida delas, como Pelé, Paulo Coelho, Gisele Bündchen, depilações das partes íntimas e tratamentos para alisar os cabelos” (BUARQUE, 2013, p. 30).

Na economia, houve uma evolução no final dos anos 2000. Isso ocorreu por dois motivos, segundo informações obtidas por Buarque (2013) em entrevistas. O primeiro



foi a mudança do perfil do presidente Luiz Inácio Lula da Silva quando chegou ao poder. O outro foi a reforma em 1994, com o Plano Real, que acabou com a temível inflação. “O Brasil está vivendo um momento parecido com o que os Estados Unidos viveram nos anos 1950, em que muitas pessoas estão tendo os seus primeiros carros e produtos domésticos, e isso pode ajudar as pessoas encarregadas de vender produtos ao Brasil” (BUARQUE, 2013, p.66).

Lula foi eleito pelo jornal britânico Financial Times como uma das 50 personalidades que moldaram a última década. Também foi escolhido como “o homem de 2009” pelo jornal Le Monde. Na mesma época, recebeu o título de personagem do ano pelo jornal espanhol El País. Na política, o então presidente conseguiu tornar o país mais relevante internacionalmente. Outro fato, apontado pelo autor, que tem impacto na política internacional é a corrupção. Questão que impactou o país com a denúncia do envolvimento do ex-presidente Lula em um esquema corrupto.

Dentro da abordagem da política brasileira nos Estados Unidos, um dos temas que mais atrai a atenção e deixa os estrangeiros chocados é a corrupção. Não que seja um mérito puramente brasileiro, e mesmo nos Estados Unidos não chega a ser raro ver escândalos de tráfico de influência e poder, mas impressiona o fato de que no Brasil não há punição para os corruptos, que muitas vezes voltam logo em seguida ao poder. (BUARQUE, 2013, p. 93)

Buarque (2013) demonstra que os corruptos não renunciam, não são punidos e não devolvem o dinheiro subtraído aos cofres públicos. A solução apontada pelo jornalista é promover uma reforma política, para haver impactos em poucos anos e surgir uma nova classe política.

Apesar disso, o mito da mudança, sustentado pelo ideal da anticorrupção, impulsionou uma realidade marcada pela desinformação e reforço do conservadorismo que marca o imaginário sobre o Brasil na atualidade.

As necessidades emocionais de um povo tornado pobre e ignorante por sua elite são impiedosamente estimuladas por 400 mil robôs em um tipo de guerra suja já utilizada para a eleição do presidente americano Donald Trump. Quando da onda de protestos das mulheres brasileiras sob a bandeira do #EleNão, em todas as grandes cidades do país, contra um candidato abertamente misógino que se diz defensor da subordinação das mulheres, as *fake news* foram utilizadas para construir mentiras que mudaram o panorama eleitoral a favor do candidato fascista também nas classes marginalizadas e pobres. (SOUZA, 2019, p. 387-388)



Na mídia, a intensa cobertura sobre a operação Lava Jato impulsionou a ideia de que o principal problema que o país enfrenta é a corrupção e não a desigualdade social. Assim, aprofundando a pobreza e a falta de perspectivas para o futuro de grande parte da população. O mito da mudança é uma narrativa que ainda não encontrou seu propósito. “É preciso mudar a realidade, renovar as políticas públicas, realizar uma reforma política, rever os investimentos, valorizar a educação, melhorar a gestão do país, a distribuição de renda e a vida dos brasileiros.” (FRAGA, 2016)

O imaginário coletivo sobre o Brasil é marcado por narrativas distintas construídas ao longo da história do país por diferentes pensadores que buscaram transmitir o espírito do tempo de cada época.

Considerações Finais

A partir dessas características econômicas, culturais e políticas podemos apresentar parte do imaginário coletivo sobre o Brasil. Através do referencial apresentado, pode-se apontar algumas faces dos imaginários brasileiros. Um país tão dinâmico não pode se reduzir a apenas um imaginário.

O imaginário do “descobrimento” reflete o primeiro olhar dos nossos colonizadores. Demonstra os encantos com o desconhecido. Este imaginário formado há mais de 500 anos, ainda está presente nos estudos e narrativas dos autores estudados hoje. Toda vez que um estudioso aborda a beleza das brasileiras, da praia, da riqueza natural e visual, ele está se referindo a este imaginário que está no cerne da fundação do país.

Também faz parte do imaginário do país a festa, que remete aos aspectos culturais. O samba, a música e o carnaval são as representações. A alegria, a diversão, a ideia de celebrar a vida faz parte da alma brasileira. DaMatta (1997) defende que o carnaval é uma festa especial, uma bagunça, um momento em que as regras e rotinas são modificadas. O carnaval nos permite sentir a nossa própria continuidade como grupo. Tacussel (2015) afirma que essas características de festa e alegria são o paraíso do país. Já o inferno seria a violência. Esse imaginário é alimentado constantemente através da cobertura da mídia. E, às vezes, é projetado internacionalmente através do cinema.

O futebol também compõe um dos imaginários. Esporte praticado pela maioria, que não exclui por cor, credo ou classe social. Cada parcela da população escolhe o seu



time do coração. Vive através desse clube alegrias e tristezas, excessos de raiva e paixão. Une em torno do aparelho de televisão ou nos gritos das arquibancadas dos estádios. Os imaginários da festa, do futebol e do malandro estão relacionados. Estão associados à ideia do brasileiro como um povo descontraído, que aproveita a vida, que se diverte, que tem uma forma singular de levar o cotidiano.

Esses imaginários não são estanques. Eles transitam em diversos períodos da história do país, fazem parte do cotidiano, alimentam estereótipos e evidenciam aspectos não só do povo brasileiro, mas da humanidade. No país, essas características são reforçadas pela mídia, pelos estudiosos, pelo povo em geral, assim se transformam em marca cultural e compõem o imaginário coletivo.

Há também a presença de mitos. O mito do futuro transita na ideia de que o país prosperaria, assentado na utopia que o Brasil seria uma das maiores potências do mundo. Atualmente, é predominante o mito da mudança. Não se espera mais a promessa de um futuro redentor, mas sim o novo: a mudança.

O mito da mudança não apontou um caminho de luz. Com o intuito de acabar com a corrupção abrimos espaço para o reforço do conservadorismo, a intensificação da desigualdade social e a disseminação da desinformação. A verdadeira mudança ainda é esperada.

Referências

- BUARQUE, Daniel. **Brazil: Um país do presente**. São Paulo: Alameda, 2013.
- DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- DURAND, Gilbert. **Campos do Imaginário**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.
- FRAGA, Larissa Caldeira de. **O Brasil no Imaginário Coletivo**. A cobertura dos telejornais CNN Newsroom e BBC News na Copa do Mundo de 2014. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 2016.
- JORON, Philippe. Philippe Joron: depoimento. Entrevistadora: Larissa Caldeira de Fraga. **Seminário de Comunicação da PUCRS**. Porto Alegre, nov 2015.
- LEGROS, Patrick; MONNEYRON, Frédéric; RENARD, Jean-Bruno, TACUSSEL, Patrick. **Sociologia do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2014.
- MAFFESOLI, Michel. O Imaginário é uma Realidade (entrevista). In: **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, v, 1, n. 15, p. 74-82, ago. 2001.



PITTA, Gabrielle Perin Rocha. Diversidade cultural brasileira e a teoria sobre o imaginário de Gilbert Durand: correspondências e derivações. *In: Anais do Congresso Internacional do Centre de Recherches Internationales sur l'Imaginaire*. Porto Alegre, 2015.

SILVA, Juremir Machado. **As Tecnologias do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SILVA, Juremir Machado. **Anjos da Perdição**. Futuro e Presente na Cultura Brasileira. Porto Alegre: Sulina, 1996.

SOUZA, Jessé. **A Elite do Atraso**. Da escravidão a Bolsonaro. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

TACUSSEL, Patrick. Patrick Tacussel: depoimento. Entrevistadora: Larissa Caldeira de Fraga. **Seminário de Comunicação da PUCRS**. Porto Alegre, nov 2015. Tradução de: Larissa Caldeira de Fraga.

ZWEIG, Stefan. **Brasil, país do futuro**. Rio de Janeiro: Delta, 1960.



Este é um ARTIGO publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.